

Paulo de Tarso e a abertura do cristianismo à gentilidade¹

Monica Selvatici

Abstract

The purpose of this article is to discuss the spread of Christianity in the light of the progression of the preaching outside Palestine by the hellenist christians, at first, and finally the deliberate 'mission to the Gentiles' taken by Paul, the apostle.

Para um estudo acerca da emergência do movimento religioso do cristianismo antigo em relação a suas raízes judaicas e sua expansão nas regiões mediterrânea e egípcia sob domínio do Império Romano, no primeiro século d.C. — questão por demais ampla se colocada nestes termos — elaboramos três hipóteses de modo a nortear nosso trabalho de pesquisa. Reservamos para o espaço deste artigo o desenvolvimento da primeira delas: a conversão de Paulo de Tarso estava diretamente ligada ao sentido de abertura do judaísmo proposto pelo cristianismo. Em relação a este movimento de abertura, entendemos que ele implicava a assimilação do longo processo de interação cultural envolvendo parte da sociedade judaica (dentro e fora da Palestina) com a cultura helenizada do Império Romano.

O sentido de abertura referido acima diz respeito à visível crítica da parte de Jesus ao culto no Templo de Jerusalém, administrado pelo grupo judaico dos saduceus, e ao exagerado zelo pelo seguimento da ritualística da Torá (a lei de Moisés), característico da vertente judaica do farisaísmo.² Decorrente desta atitude crítica de Jesus, está a não tão óbvia ou visível atitude positiva dele em relação à pregação dos seus ensinamentos para outras pessoas, que não apenas aquelas pertencentes ao chamado “Povo de Israel” — os judeus, aqueles nascidos em descendência matrilinear desde Jacó, e também aqueles apenas convertidos à fé do judaísmo (UNTERMAN, 1992: 127). Faz-se necessário, no sentido de embasarmos a afirmação a respeito de tal abertura proposta pela mensagem de Jesus,

um retorno aos indícios, encontrados nos quatro evangelhos, que possibilitam entrever tal teor na pregação por ele feita.

Um retorno às diversas informações contidas nos evangelhos acerca de Jesus supõe, obviamente, a preocupação em relação ao fato de que não existe certeza quanto às afirmações atribuídas a ele, uma vez que ele próprio não deixou textos escritos. O que existe, na realidade, são tradições que remontam à sua figura, unidas e retrabalhadas em compilações feitas em um momento posterior — o chamado período subapostólico (70-100 d.C.) — cujos relatos compreendem os diferentes evangelhos. Adotamos o método semiótico de leitura isotópica de A. Greimas (exposto por CARDOSO, 1997: 172-202) para o trabalho de análise do relato bíblico³ na medida em que este manifesta claramente os valores religiosos que procura exaltar.

Fazendo-se presente a questão das possíveis e muito prováveis interpolações por partes dos redatores e compiladores, que teriam interesses muito específicos em assim agir, tornou-se mais fácil para nós a identificação, a partir da contextualização do relato, de suas prováveis intenções. Uma delas, por exemplo, seria a de atenuar as divergências que, de fato, existiram no interior do grupo dos cristãos (que foi composto por mais de uma comunidade e vertentes diversas que se apropriaram cada uma a seu modo da mensagem do homem que fora recebido como o Messias), de modo a construir um relato que apresentasse apenas o sucesso e a expansão do movimento, e fosse assim utilizado para fins de proselitismo. Outra intenção seria a de legitimar uma ou outra vertente (tradição) acerca de Jesus, acrescentando, neste sentido, informações que fossem eficientes em dar tal acabamento ao relato. No caso das diferentes tradições, são conhecidas a chamada tradição petrina, a joanina e a paulina, que remontam, nesta ordem, à pregação dos apóstolos Pedro e João, e à teologia elaborada por Paulo. Este, que não fizera, a princípio, parte do grupo dos doze apóstolos, havia assim se compreendido e reivindicado para si esta função de apóstolo após sua conversão, segundo a narração do livro de *Atos dos Apóstolos*, às portas da cidade de Damasco (At. 9, 1-19).

Os quatro evangelhos, dentre os quais três são considerados sinópticos — os de Mateus, Marcos e Lucas — se ocupam da narração da vida, morte e “ressurreição” de Jesus Cristo e constituem fontes de seus ensinamentos. O termo evangelho, do grego *euanghélion*, tinha no grego *koiné* o significado de uma boa notícia e também o anúncio da chegada de uma personagem famosa, de acordo com A. Donini (1980: 64). Com a pregação cristã, ele adquiriu o sentido de *Boa Nova* (a mensagem que Jesus Cristo veio trazer). Segundo F. J. Silva Gomes (1997: 141), os Evange-

lhos apresentam tradições orais e escritas de determinadas comunidades cristãs apostólicas retrabalhadas por quatro redatores da época subapostólica “*sob o manto de um nome apostólico*”. Talvez seja necessário atentar para a Fonte Q (que se trata de um evangelho reconstruído), uma vez que ela seria, de acordo com a crítica textual, uma fonte mais antiga da qual Mateus e Lucas teriam obtido suas informações.

Os documentos que embasam nossa afirmação a respeito do sentido de abertura já mencionado são os evangelhos de Lucas e João, nas seguintes passagens: Lc. 9,51-55; 10,30-37; 17,11-19 e Jo. 4. Nestas passagens, os autores mostram a simpatia de Jesus pelos samaritanos e pela pregação fora do território da Judéia e Galiléia. Os samaritanos compreendiam uma seita judaica muito diversa e, segundo observação encontrada na Bíblia de Jerusalém, sua origem era interpretada pelos judeus como sendo “*pela imigração forçada de cinco povoações pagãs que, em parte, permaneceram fiéis aos seus deuses*” (1994: 1993, nota X), também pagãos. Advém desta característica de uma corrupção, entendida assim pelos judeus, no que concerne ao seguimento dos preceitos estabelecidos pela Torá, o seu ódio e distanciamento em relação aos samaritanos.

Jesus, ao contrário, de acordo com os relatos dos referidos evangelhos, de modo a repreender a hipocrisia daqueles que se diziam puros no que tangia à Lei (menciona sacerdotes e levitas; o que refere-se, neste sentido, aos grupos dos saduceus e dos fariseus), adota uma atitude positiva para com os samaritanos. As passagens mencionadas denotam o sentido de abertura e a crítica latente ao judaísmo oficial dentro da mensagem de Jesus. O Evangelho de Lucas foi escrito em grego para os cristãos da gentilidade, por um autor de origem pagã. Já o de João parece ser de origem judeu-cristã, de tradição muito antiga, muito possivelmente do próprio apóstolo e posteriormente, em função da elaborada teologia nele expressa, retrabalhada e compilada por discípulos deste apóstolo.

Lc. 9,51-55:

“Quando se completaram os dias de sua assunção, ele tomou resolutamente o caminho de Jerusalém e enviou mensageiros à sua frente. Estes puseram-se a caminho e entraram num povoado de samaritanos, a fim de preparar-lhe tudo. Eles, porém, não o receberam, pois caminhava para Jerusalém. Em vista disso, os discípulos Tiago e João disseram: ‘Senhor, que- res que ordenemos desça fogo do céu para consumi-los?’ Ele, porém, voltando-se, repreendeu-os”.

Lc. 10,30-37 — **A parábola do bom samaritano:**

“Jesus retomou: ‘Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se, deixan-

do-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduziu-o à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: 'Cuida dele e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei'. Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?' Ele respondeu: 'Aquele que usou de misericórdia para com ele'. Jesus então lhe disse: 'Vai, e também tu, faz o mesmo'."

Lc 17,11-19:

"Como se encaminhasse para Jerusalém, [Jesus] passava através da Samaria e da Galiléia. Ao entrar num povoado, dez leprosos vieram-lhe ao encontro. Pararam à distância e clamaram: 'Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!' Vendo-os, ele lhes disse: 'Ide mostrar-vos aos sacerdotes'. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram purificados. Um dentre eles, vendo-se curado, voltou atrás, glorificando a Deus em alta voz, e lançou-se aos pés de Jesus com o rosto por terra, agradecendo-lhe. Pois bem, era um samaritano. Tomando a palavra, Jesus lhe disse: 'Os dez não ficaram purificados? Onde estão os outros nove? Não houve, acaso, quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?' Em seguida, disse-lhe: 'Levanta-te e vai; a tua fé te salvou' "

Jo. 4 — Jesus entre os samaritanos:

"Quando Jesus soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele fazia mais discípulos e batizava mais que João — ainda que, de fato, Jesus mesmo não batizasse, mas os seus discípulos⁴ — deixou a Judéia e retornou à Galiléia. Era preciso passar pela Samaria. Chegou, então, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto da região que Jacó tinha dado a seu filho José. Ali se achava a fonte de Jacó. Fatigado da caminhada, Jesus sentou-se junto à fonte. Era por volta da hora sexta. Uma mulher da Samaria chegou para tirar água, Jesus lhe disse: 'Dá-me de beber!' Seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimento. Diz-lhe, então, a samaritana: 'Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana?' (Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos.)⁵ Jesus lhe respondeu: 'Se conhecesses o dom de Deus/ e quem é que te diz:/ 'Dá-me de beber', tu é que lhe pedirias e ele te daria água viva!'"

O livro de *Atos dos Apóstolos* apresenta o gênero de uma monografia histórica e, como sabemos, trata-se de um livro de tradição marcadamente paulina, datando também do período subapostólico (70-100 d.C.). Ao contrário dos evangelhos que sofrem influência da tradição petrina, *Atos*

confere um destaque especial à atuação de Saulo de Tarso, mais tarde, Paulo, na referida missão de evangelização em relação aos doze apóstolos, cujo trabalho nem é relatado, a não ser os episódios ligados à figura de Pedro e uma pequena menção à figura de João. O autor do livro, que se denomina Lucas,⁶ dedica metade do texto à missão de pregação de Paulo aos gentios em suas diversas viagens.

O objetivo do autor, em *Atos dos Apóstolos*, é relatar a missão de evangelização dos apóstolos após as palavras de exortação à pregação universal transmitidas a eles, segundo At. 1,8, pelo Cristo ressuscitado, momentos antes de sua ascensão aos céus: “*E sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria e até os confins da terra*”. Desta forma, Lucas reconstrói a comunidade cristã primitiva de Jerusalém, e dá prosseguimento à sua narrativa, enfocando os eventos que se mostram importantes e que compõem o sucesso e o cumprimento da missão colocada pelo Cristo. Assim, a divisão entre os grupos dos *hebreus* e *helenistas* que, em outras circunstâncias, poderia ser fonte de vergonha, uma vez que decorre de divergências e diferenças no interior do grupo cristão, deve ser e é retratada por Lucas (embora sem a coloração de uma quebra de unidade que, de fato, não ocorreu a princípio), uma vez que compreende o primeiro passo em direção à final propagação da mensagem do Cristo ressuscitado “até os confins da terra”.

Os referidos grupos de *hebreus* e *helenistas* compuseram duas vertentes diferentes no cristianismo antigo: uma original, cuja comunidade se estabelecera em Jerusalém e foi, em princípio centralizada em torno do grupo dos doze apóstolos, além de Maria, mãe de Jesus e outras pessoas próximas a ele, como Tiago, seu irmão (At. 12,17); e uma segunda, posterior, de judeus helenistas que, antes também faziam parte da comunidade hierosolimitana, mas que se haviam destacado dela após o martírio de seu mentor Estêvão e se espalhado por toda a Palestina e regiões próximas, no Mediterrâneo oriental, iniciando as atividades missionárias da geração seguinte (JAEGGER, 1991: 18).

Por judeus *helenistas*, entendemos ser aqueles elementos de língua grega entre os judeus. No Novo Testamento, este termo aparece em oposição a outro, o de *hebreus*, que se refere aos judeus que tinham como língua primeira o aramaico e eram nascidos e cuja vida se fizera dentro do território palestino, como era o caso dos doze apóstolos. Sendo assim, os helenistas eram aqueles judeus “que já não falavam o seu aramaico original na sua terra, ainda que o entendessem, mas grego, por eles ou as suas famílias terem vivido no estrangeiro em cidades helenizadas durante mui-

to tempo, tendo regressado depois à sua pátria.” (JAEGER, 1991: 18, nota 8).

O grupo helenista rumou, a princípio, até a região da Fenícia, a ilha de Chipre e a cidade de Antioquia (At. 11,19). A cidade, fora da Palestina, onde tal grupo encontrou o primeiro grande campo para sua missão cristã foi, de fato, Antioquia, na região da Síria, onde o próprio nome da nova fé foi cunhado, *Christianoi*, como podemos ver em Atos 11,26.

I. As diferentes trajetórias dos grupos hebreus e helenistas

Segundo M. Hengel (1979: 73), a mensagem de Cristo que propagava uma abertura atraiu os judeus helenistas por sua crítica ao culto no Templo e o exagerado zelo pelo seguimento da ritualística da Torá. Eles assim se tornaram os mais áduos defensores dessa abertura, enquanto os de Jerusalém não conseguiram se desprender de sua obediência perante a Lei, em razão das firmes raízes da tradição religiosa palestina. Ainda assim, no início, admitiu-se a abertura aos gentios (com algumas restrições), como o Concílio de Jerusalém, datado de 48 ou 49 aproximadamente, pode demonstrar. Apenas num segundo momento criou-se problemas quanto a esta questão. Este primeiro sentido de abertura seria consequência da ainda recente pregação religiosa do próprio Jesus e teria atingido também os judeus cristãos de Jerusalém. Entretanto, com o passar do tempo e as pressões dos convertidos à nova fé advindos do farisaísmo,⁷ enfim, a pressão da forte tradição mosaica, esse sentido de abertura teria diminuído no que diz respeito ao grupo dos hebreus.

Outro fator mais contundente em relação ao retorno ao zelo pela prática da Lei por parte da comunidade cristã hierosolimitana foram as perseguições movidas aos cristãos pelo rei Herodes Agripa I (37-44 d.C.), como o texto de Atos deixa entrever na passagem: “o rei Herodes começou a tomar medidas visando a maltratar alguns membros da Igreja. Assim, mandou matar à espada Tiago, irmão de João. E vendo que isto agradava aos judeus, mandou prender também a Pedro” (At. 12, 1-3).

A lacônica menção à morte de Tiago, irmão de João e filho de Zebedeu, enfim, um dos apóstolos de maior importância dentre os Doze (fato de extrema gravidade que, muito provavelmente, deixou transtornada a comunidade de Jerusalém), é apenas citada no relato de Lucas. Como explicação para esta pouca atenção do autor em relação a um acontecimento tão significativo, entendemos existirem dois motivos: o primeiro, aquele de não revelar explicitamente, ao longo do relato, as diversas crises e derrotas que o movimento cristão sofreu durante as suas primeiras

décadas de vida (afinal, o texto tinha por fim mostrar a unidade e a expansão do movimento cristão). Um segundo motivo, a nosso ver, de maior peso, seria o fato de que a comunidade de Jerusalém perdera a sua proeminência no relato de Lucas em função do aparecimento da nova comunidade de Antioquia. Nesta comunidade, os cristãos haviam até mesmo recebido seu novo nome, sendo identificados assim como um grupo distinto, desligado de designações que anteriormente se tinham referido a grupos judaicos,⁸ e principalmente, dela partiriam, em missão de proclamação da “Boa Nova” (a mensagem do Cristo ressuscitado) pelas regiões próximas ao Mar Mediterrâneo, Paulo e Barnabé.

Os “judeus” aos quais a passagem se refere parecem identificar-se, a princípio, com o grupo dos fariseus, entretanto como bem atesta M. Hengel (1979: 97), esta vertente do judaísmo não havia tomado uma atitude de confronto para com o grupo cristão, e sim de tolerância, visto que seguidores dela própria haviam até mesmo se convertido à fé que enxergava em Jesus o Messias. Na realidade, a hostilidade perpetrada contra os cristãos de Jerusalém foi obra da nobreza sacerdotal saduceia. Há, inclusive, especulações a respeito de ter sido a perseguição aos cristãos, levada adiante por Herodes Agripa I, uma forma encontrada por ele de se fazer popular entre os círculos aristocráticos saduceus. Vem corroborar esta hipótese o fato de que, num momento posterior, em 62 d.C., Tiago, o irmão do Senhor, que parece ocupar até então a posição de destaque dentro da comunidade de Jerusalém,⁹ é morto pelo sumo-sacerdote saduceu Anás em razão de uma alegada quebra da Lei (HENGEL, 1979: 96).

A conversão do centurião romano Cornélio por Pedro, em At. 10, constitui um divisor de águas no livro de *Atos*, “*esta narração tem o valor de exemplo: ela marca a passagem para os pagãos, o seu acesso ao Evangelho*” (HOLSTEIN, 1977: 44). “*A virada para os pagãos (At. 13, 46) realizou-se de modo rápido, mas não repentino. O livro dos Atos marca uma progressão, ao mesmo tempo pastoral e geográfica, em comentário da ordem posta nos lábios de Jesus no dia da ascensão*” (HOLSTEIN, 1977: 42). O autor do livro de *Atos* se utiliza do relato da conversão de um gentio por Pedro (o discípulo querido e mais próximo a Jesus), a nosso ver, de modo a legitimar e, assim, dar início à narração das posteriores conversões de gentios por parte dos helenistas em Antioquia (At. 11,20) e principalmente, das posteriores viagens missionárias de Paulo entre os gentios.

A questão da pregação aos gentios por parte dos helenistas não teria sido um plano elaborado desde o início, mas uma consequência da missão fora da Palestina, primeiro a judeus nas sinagogas locais, a prosélitos (gen-

tios convertidos à fé judaica através do cumprimento da circuncisão e do ritual do banho de purificação) também, e por último a simples “tementes a Deus” (que eram apenas simpatizantes do judaísmo uma vez que não tinham a circuncisão nem o batismo ritual). Assim, o não cumprimento da Lei seria apenas conseqüência deste primeiro esforço e ânimo de evangelização. Neste sentido, a “liberdade em relação à Lei” seria, num primeiro momento, uma questão de se ignorar as exigências da circuncisão e da lei ritual. Como bem observa M. Hengel,

“As fronteiras entre ‘tementes a Deus’ gentios e verdadeiros gentios eram turvas. Assim, os helenistas, expulsos da Palestina judaica, foram gradualmente forçados a rumar além do círculo de verdadeiros judeus e também a virar-se para os gentios interessados no judaísmo; em outras palavras, eles construíram a estrada rumo à missão aos gentios, que no fim teve de significar a desconsideração da Lei” (1979: 75).

II. Paulo e a pregação dos helenistas

A imagem que Paulo nos oferece em suas epístolas (Gl. 1,13-14; Fl. 3,5-6; 1Cor 15,9), em concordância com o relato de *Atos* (At. 8,1; 9,1-2) é a de que seu zelo na observância da lei o fizera perseguir muitos judeus cristianizados no período que antecedeu o seu “contato” com o Cristo ressuscitado. Entretanto, este judeu de formação farisaica, ao enxergar na figura de Jesus o Messias, promoveu uma progressiva desvinculação do movimento cristão em relação a suas raízes judaicas (de respeito aos preceitos da lei mosaica). Ao professar a fé cristã aos gentios (não-judeus), ele rompeu com sua tradição farisaica.

A hipótese por nós formulada de que a conversão de Paulo estava diretamente ligada ao sentido de abertura do judaísmo proposto pelo cristianismo, sentido este que implicava a assimilação do longo processo de interação cultural envolvendo parte da sociedade judaica (dentro e fora da Palestina) com a cultura helenizada do Império Romano, ainda se justifica uma vez que Paulo é recebido, desde o início, após sua conversão, pela comunidade formada pelos judeus helenistas em Damasco. Tendo nascido em Tarso, na Cilícia, uma cidade altamente helenizada, que estava integrada ao Império Romano, sendo filho de uma família de judeus da diáspora babilônica e também cidadão romano por herança paterna, e ao dominar a língua grega, assim como o hebraico e o aramaico, Paulo, antes chamado Sha’ul (Saul, ou também, Saulo), se tratava de um típico judeu helenizado, de formação muito próxima àquela dos que o receberam em Damasco. Além disso, na juventude, fora enviado a Jerusalém para o apren-

dizado da lei com o mestre de tendência farisaica, Gamaliel. Ele se identificou, enquanto judeu helenizado que também era, logo no primeiro momento, com a prática deste grupo (pregou primeiramente aos judeus da diáspora em terras helenizadas) e radicalizou num momento posterior a sua missão, tomando para si o apostolado dos gentios.

Esta trajetória de Paulo já se evidencia, no relato de Atos, na primeira viagem de pregação que faz, na qual é acompanhado por Barnabé, em missão de proclamação da palavra do Senhor desde a cidade de Antioquia da Síria (At. 13, 1), num percurso através da ilha de Chipre, e das regiões da Panfília, Pisídia e Licaônia, até o regresso deles à cidade inicial (At. 14, 28). A ação missionária de Paulo e Barnabé é, obviamente, impulsionada pelo Espírito Santo (At. 13, 2) — que permeia todo o relato levando ao sucesso o movimento de difusão do *kérigma*¹⁰ cristão — e o resultado desta ação é a propagação da palavra do Cristo para outras regiões do Império Romano, o repúdio da mensagem de Cristo por parte dos judeus, que “*com blasfêmias contradiziam ao que Paulo falava*” (At. 13, 45); “*moveram perseguição contra Paulo e Barnabé*” (At. 13, 50) e “*incitaram e indispuseram os ânimos dos gentios contra os irmãos*” (At. 14, 2), e a abertura da fé aos gentios (At. 14, 27). O texto dos *Atos* confere ao resultado da missão — inserida no contexto de uma evangelização inicial do cristianismo — uma conotação extremamente positiva.

Cabe aqui observar que o tom pejorativo que recai sobre os judeus no livro de *Atos*, e que remete ao grupo dos fariseus nos evangelhos, se mostra mais uma evidência da datação tardia destes livros — o período subapostólico, que é posterior à morte de Paulo e à destruição do Templo e concomitante à organização do judaísmo rabínico, caracterizado por seu fechamento total sobre a Lei. Neste sentido, parece se tornar evidente a caracterização negativa dos judeus, feita por Lucas, e sua defesa e exaltação da missão de Paulo aos gentios desvinculada da observância do preceito da circuncisão, missão que agora era continuada por seus seguidores. Esta abertura levada adiante por Paulo havia sido criticada por “*alguns da Judéia*” (At. 15, 1), menção genérica de Lucas a discípulos do fechado grupo dos hebreus. Entretanto, o que se nos mostra é que *Atos* parece querer responder a críticas contemporâneas de judeus não cristãos que, neste momento, se organizavam de forma progressiva em torno do rabinato.

De fato, o período posterior a 70 d.C. se trata de um momento de maior polarização de forças dentro do âmbito do judaísmo. Neste sentido, a hipótese de T. Rajak (1992: 12) — inserida no quadro desta dinâmica de uma polarização de forças — de que a organização e centralização judaica em torno do judaísmo rabínico se caracterizariam como uma *reação* à

abertura e perda da identidade judaica promovidas e levadas a cabo pelo movimento do cristianismo que teve Paulo como o organizador de sua teologia, nos parece conclusiva. A questão da emergência e progressiva separação do cristianismo antigo em relação a suas raízes judaicas começa a revelar, assim, sua lógica interna.

Obra de Referência

UNTERMAN, A. *Dicionário Judaico de Lendas e Tradições*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

Documentação Textual

BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1994.

Bibliografia

BARBAGLIO, G. *São Paulo, o Homem do Evangelho*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992.

BROX, N. *Historia de la Iglesia Primitiva*. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

CARDOSO, C. F. "Semiótica da Narrativa: Textos Escritos". In: *Narrativa, Sentido, História*. Campinas: Papyrus Editora, 1997. pp. 157-202.

CULLMANN, O. "Courants Multiples dans la Communauté Primitive", In: *Judéo-Christianisme. Recherches de Science Religieuse*. Paris: Éditions Beauchesne, 1972. pp. 55-68.

CUVILLIER, E. "Paul le Missionnaire au Long Cours". In: *Historia Thematique* (64): 26-30, mars-avril 2000.

DANIEL-ROPS. *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. São Paulo: Quadrante, 1988.

DONINI, A. *História do Cristianismo das origens a Justiniano*. Lisboa: Edições 70, 1980.

ESLER, P. F. *The First Christians in their Social Worlds — Social-scientific approaches to New Testament interpretation*. London — New York: Routledge, 1994.

FABRIS, R. *Para Ler Paulo*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

- FOX, R. L. "Cultura Escrita e Poder nos Primórdios do Cristianismo". In: BOWMAN, A. K., WOOLF, G. (orgs.). *Cultura Escrita e Poder no Mundo Antigo*. São Paulo: Editora Ática, 1998. pp. 154-182.
- GOMES, F. J. S. "As Comunidades Cristãs da Época Apostólica". In: *Phoënix*, Rio de Janeiro, 3: 139-156, 1997.
- HALL, R. G. "Arguing Like an Apocalypse: Galatians and an Ancient Topos Outside the Greco-Roman Rhetorical Tradition". *New Testament Studies* (42): 434-453, July 1996.
- HENGEL, M. *Jésus et la Violence Révolutionnaire*. Paris: Ed. du Cerf, 1973.
- _____. *Properties and Riches in the Early Church. Aspects of a Social History of Earliest Christianity*. Philadelphia: Fortress Press, 1974.
- _____. *Earliest Christianity*. London: SCM Press, 1979.
- _____. "The Pre-Christian Paul". In: LIEU, J., NORTH, J., RAJAK, T. *The Jews among Pagans and Christians In the Roman Empire*. London — New York: Routledge, 1992. pp. 29-52.
- HENGEL, M., SCHWEMER, A. M. *Paul Between Damascus and Antioch. The Unknown Years*. Louisville: Westminster John Knox Press, 1997.
- HOLMBERG, B. "Jewish Versus Christian Identity in the Early Church". In: *Revue Biblique*: 397-425, juillet 1998.
- HOLSTEIN, H. *A Experiência do Evangelho: a Comunidade Cristã do Século I*. São Paulo: Loyola, 1977.
- JAEGER, W. *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- LEVINE, L. I. *Judaism and Hellenism in Antiquity — Conflict or Confluence?* Seattle — London: University of Washington Press, 1998.
- LIEU, J., NORTH, J. & RAJAK, T. *The Jews among Pagans and Christians In the Roman Empire*. London and New York: Routledge, 1992.
- MEEKS, W. A. *Os Primeiros Cristãos Urbanos — O Mundo Social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MÍGUEZ, N. O. "Paulo, o Compromisso da Fé. Para uma 'Vida de Paulo'". In: *RIBLA*, Petrópolis, (20): 7-29, 1995.
- MITRE, E. *Judaísmo y Cristianismo. Raíces de un Gran Conflicto Histórico*. Madrid: Istmo, s/d.

- MOMIGLIANO, A. *On Pagans, Jews and Christians*. Hanover: Wesleyan University Press, 1987.
- RAJAK, T. "The Jewish Community and its Boundaries". In: LIEU, J., NORTH, J., RAJAK, T. *The Jews among Pagans and Christians In the Roman Empire*. London — New York: Routledge, 1992. pp. 9-28.
- RICHARD, P. "A Origem do Cristianismo em Antioquia". In: RIBLA, Petrópolis, (29): 32-44, 1998.
- SAHLINS, M. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- SANDERS, E. P. *Paul and Palestinian Judaism — A Comparison of Patterns of Religion*. Minneapolis: Fortress Press, 1977.
- SCHÜRER, E. *The History of the Jewish People in the Age of Jesus Christ*. Edinburgh : T&T Clark, 1973.

Notas

¹ Este artigo é versão ligeiramente modificada do capítulo apresentado à banca de nosso exame de qualificação de mestrado em 06/03/2001.

² Fariseus, em hebraico *perushim*, significa "separatistas", ou "intérpretes". A primeira definição remete à idéia de que eles se mantinham afastados da profanação ritual; já a segunda, ao fato de que eles interpretavam o texto escrito da Torá, o que se desenvolveu, após a destruição do Templo pelos romanos, e se constituiu na tradição rabínica (UNTERMAN, 1992: 100).

³ As narrativas a que nos atemos são os evangelhos e o livro de *Atos dos Apóstolos*, pertencentes ao Novo Testamento das Bíblias cristãs.

⁴ Pela forma como este comentário se insere no texto corrigindo-o, parece caracterizar uma interpolação do redator.

⁵ Se apresenta como outro comentário explicativo do redator.

⁶ Segundo a crítica textual, há controvérsias em relação a ter sido este livro realmente escrito por Lucas, o evangelista.

⁷ "Então, alguns dos que tinham sido da seita dos fariseus, mas que haviam abraçado a fé, interviewaram..." (At. 15, 5 — o grifo é nosso).

⁸ Como os termos "galileu" ou "nazareu" tinham, por vezes, identificado o movimento de Jesus (HENGEL, 1979: 103). A título de exemplo, em Atos 24, 5, no processo de Paulo diante de Félix o procurador da Judéia, o acusador Tertulo refere-se a ele como: "... é um dos da linha-de-frente da seita dos nazareus."

⁹ Na epístola aos Gálatas 2, 9, Paulo se refere a “*Tiago, Cefas [Pedro] e João, os notáveis tidos como colunas*” da Igreja.

¹⁰ Pregação, mensagem, proclamação.